

TURISMO E INTERPRETAÇÃO CULTURAL

Ana Solange Biesek¹

Resumo: Aborda-se neste artigo sobre o Turismo Cultural, enfocando o Planejamento e Gestão do Turismo em Cidades Históricas, assim como os elementos que compõem o patrimônio histórico cultural. Também é abordado especificamente sobre o tema em estudo a Interpretação do Patrimônio Cultural e Turismo, abordando a importância da Comunicação e Planejamento Interpretativo na arte de explicar o significado e o sentido de um lugar que se pode visitar.

Palavras-Chave: Turismo; Patrimônio Cultural; Interpretação; Planejamento

1 Introdução

Em alguns países, o turismo intrinsecamente ligado a monumentos, edificações e heranças culturais constitui, ao que parece, a única razão para proteger tais elementos, ao menos enquanto podem ser considerados como locais de interesse, ou melhor, atrativos turísticos. Um turismo comunitário, moderado, poderia ter, desde logo, efeitos positivos na preservação. No entanto não é isto o que vem ocorrendo

O turismo massivo, a partir da década de 1970, tem vitimado as paisagens culturais, representando antes de tudo um perigo (ICOMOS, 2000). É decepcionante comprovar que, apesar de todas as garantias expressas nas inúmeras conferências sobre o tema *Turismo e Preservação*, o Turismo segue sem se comprometer nesse sentido. Muitas vezes explora o patrimônio cultural mediante seu uso excessivo, as vezes danoso, mas não oferece nenhuma ajuda financeira para a proteção e preservação do monumento (ICOMOS, 2000), como acontece no caso das tumbas egípcias.

Neste item a relação entre Turismo e Patrimônio Cultural é tratada no âmbito do Turismo Cultural, em que o homem ao relacionar-se com o ambiente constrói o seu modo de vida e nele estabelece suas relações:

Há entre o homem e o seu espaço cultural uma relação de tipo ecológico. O ambiente é uma referência fundamental porque nele estão impressas as marcas de construção da história pessoal, e, também, da história coletiva. Levado pela necessidade de buscar os meios de sobrevivência, o homem trabalha e plasma a superfície da terra, constrói objetos que são reveladores do seu modo de viver e fazer. Seus saberes, seus usos e costumes, seus mitos, seus ritos, suas formas de manifestar tensões e aspirações, suas festas, são todos eles signos da sua cultura (RIBEIRO, 1998, p. 54.)

1.1 Conceituação e Características Turismo Cultural

O Turismo Cultural trata de uma área-chave de desenvolvimento local em que a comunidade é conduzida a resgatar sua história, cultura, hábitos e costumes a fim de poder transmiti-los para o turista. Naisbitt (1994) reforça a importância do turismo cultural quando diz que existe uma demanda crescente pelo turismo em que seja permitido aos visitantes observar os eventos locais e os estilos de vida e deles participar de uma forma não-artificial. Em resposta a isso Reis (2000) ressalta que existem esforços para a mudança de uma mentalidade turística de massa para outra em que experiências turísticas mais especializadas sejam desenvolvidas e oferecidas de uma forma mais pessoal e culturalmente possível.

O turista busca a originalidade. Assim, a questão cultural e ambiental torna-se determinante. Para tanto, as comunidades necessitam de maior conscientização quanto ao seu patrimônio natural e cultural, pois sem isso o turismo torna-se de pouco valor. Nesse contexto, situa-se o Turismo Cultural como um dos segmentos emergentes que mais vem se desenvolvendo nos últimos anos baseado em abundante e variado patrimônio traduzidos em recursos e atrativos turísticos.

O turismo cultural apela à criação e à memória do homem, ao testemunho de seu passado, a sua história. Ao se entender por cultura tudo aquilo que tem sido transformado pelo homem, considera-se turismo cultural não somente aquele que envolve as obras-de-arte, os museus e os monumentos, mas também o turismo natural, a paisagem transformada durante anos pelo homem. (BAUDRIHAYE, 1997, p. 44).

Segundo Andrade (1995) a motivação cultural:

é o desejo ou necessidade de participar de ambientes e sociedades diferentes dos que lhes são próprios, [...] ele (o turista) se dispõe a interferir e integrar-se em um processo cultural, como elemento ativo e passivo de influência. A esse desejo e necessidade chamamos motivação cultural.

1.1.2 Planejamento e Gestão do Turismo em Cidades Históricas

¹ Autora. *Aluna do Mestrado Acadêmico de Turismo da Universidade de Caxias do Sul.* email: ana.biesek@bol.com.br

Durante os últimos anos, diversos organismos internacionais e centros de investigação vêm chamando a atenção sobre a necessidade de modificar os modelos de gestão do turismo nas cidades históricas para que elas possam gestioná-lo de forma mais adequada. As cidades históricas de interesse turístico, em muitos casos, requerem uma valorização das suas qualidades, fazendo-se necessário um importante esforço de gestão e marketing urbano, aplicado à promoção das mesmas em geral e dos centros urbanos em particular.

Segundo Vinuesa (1998, p. 27), para as cidades históricas se desenvolverem levando em consideração a sustentabilidade turística é necessário criar uma ética de sua valorização e seu uso, assim como implementar novos códigos de conduta que promovam novas práticas turísticas.

Disposto ao uso turístico, o patrimônio necessita de determinadas ações que permitam por em contato direto o turista com o bem cultural. Além de investigar, restaurar, conservar e interpretar, é preciso em algumas ocasiões recorrer a outras estratégias que facilitem a atividade turística. Tais estratégias têm como objetivo fundamental a transformação de patrimônio em produto, aumentando a imagem e o atrativo do mesmo e facilitando seu consumo.

A gestão de turismo cultural não deve se basear somente no que já existe, na mera exploração do legado. Deve-se renovar, ter um dinamismo próprio. É necessário que exista uma capacidade de inovar, de criar uma oferta cultural através de obras-de-arte (edifícios, jardins), museus, centros culturais, música, festivais, em muitos casos recuperando e valorizando uma oferta “enterrada” e esquecida, mas autêntica. Assim respeitando a dimensão plural de cultura, poderá ser fonte fecunda de renovação; caso contrário, apenas facilitará sua degradação, mascarando-a ou pasteurizando-a, transformando-a em simples produto de mercado.

A preocupação de que o turismo nem sempre possa ser positivo para uma coletividade não pode deixar de ser pensada. Uma localidade com um rico patrimônio histórico e cultural pode ser transformada em um ambiente pouco satisfatório de viver, quando passa a ser usufruída pelos turistas e não pelos residentes e/ou quando estes últimos começam a perder seus referenciais ou sua própria identidade. Daí o pensamento de Menezes (1996), “o tipo de turismo que propusemos e praticarmos dependerá do tipo de relações que julgarmos aceitáveis e desejáveis entre os homens, isto é, do modelo de sociedade pelo qual optamos”.

1.2 Interpretação do Patrimônio Cultural

1.2.1 Evolução Conceitual

O conceito de patrimônio tem evoluído e nas últimas décadas se converteu na “estrela” dos discursos teóricos sobre os bens culturais. Desde o fetichismo formalista à socialização do desfrute dos elementos patrimoniais, há uma distância, conceitualmente falando, que tem passado pela democratização do patrimônio cultural. Nesse processo, a interpretação está adquirindo um papel fundamental como meio para comunicar conteúdos culturais a um público cada vez mais numeroso.

Segundo Castells et al. (1999), ambos conceitos têm evoluído sincronicamente a partir dos trabalhos de interpretação de Freeman Tilden: ao mesmo tempo que se estendia legalmente a consideração do patrimônio se ampliavam os princípios da interpretação. Na teoria da interpretação, a obra “*Interpreting Heritage*” (Interpretação do Patrimônio) desse autor, publicada em 1957, é considerada referencial ainda hoje.

Nos últimos anos, o conceito de interpretação tem evoluído para um sentido mais amplo e integrador, superando o objeto, o monumento, até o entorno monumental ou o território. Assim vem sendo utilizado como método de dinamização de lugares históricos, monumentos, etc e compreende o conjunto de dispositivos por meio dos quais se tenta dar vida ou significado aos objetos patrimoniais que estão separados ou despojados de seu contexto original. (CABADO, MARCO, 2001)

Assim, a interpretação se desenvolve tanto em referência aos elementos culturais como ao próprio entorno, em um contexto que implica o maior número de objetos e conceitos para chegar à compreensão da realidade em toda sua complexidade. Qualquer patrimônio é portador de vários significados e valores como os simbólicos (religiosos, ideológicos e políticos, entre outros) assim como materiais, econômicos, documentais e históricos ou estéticos.

De acordo com a “*Heritage International Interpretation*” (Interpretação do Patrimônio Internacional), se entende por interpretação a arte de explicar o significado e o sentido de um lugar que se pode visitar, quer dizer, um método de apresentação, comunicação, exploração coerente do patrimônio. Nesse sentido, nela estão presentes quatro funções: social, cultural, educativa e turística. (TILDEN, 1997)

Dentre essas, Tilden (1997) destaca a função educativa, considerando que a interpretação ambiental “é uma atividade educacional que objetiva revelar significados e relações através da utilização de objetos originais, de experiências de primeira mão e por meio

de mídia ilustrativa, ao invés de simplesmente comunicar informações factuais”. Tal pensamento é complementado por Morales (1998), para quem

a interpretação do patrimônio é a arte de revelar *in situ* o significado do legado natural, cultural ou histórico, ao público que visita esses lugares em seu tempo livre”. Assim, o maior mérito da ação de interpretar é popularizar o conhecimento ambiental e preservar o patrimônio, induzindo a atitudes de respeito e proteção.

Mais que informar, interpretar é revelar significados, é provocar emoções, é estimular a curiosidade, é entreter e inspirar novas atitudes no visitante, é proporcionar uma experiência única com qualidade. Para atingir seus objetivos, a interpretação utiliza várias formas da comunicação humana como teatro, literatura, poesia, fotografia, desenho, escultura, arquitetura, sem, todavia se confundir com os meios de comunicação ou equipamentos que lhe servem de veículos para expressar as mensagens: placas, painéis, “folders”, mapas, guias, centros, museus, etc. (MURTA E GOODEY, 1995, p. 52)

Assim, considerando-se que a interpretação de lugares, de acervos e coleções, de saberes e fazeres culturais é, antes de tudo, um instrumento de comunicação com o morador, o visitante e o turista para Murta e Goodey (2002):

interpretar é um ato de comunicação,[...] é a arte de comunicar mensagens e emoções a partir de um texto, de uma partitura musical, de uma obra-de-arte, de um ambiente ou de uma expressão cultural. [...] interpretar o patrimônio é o processo de acrescentar valor à experiência do visitante, por meio do fornecimento de informações e representações que realcem a história e as características culturais e ambientais de um lugar.

Sintetizando, entende-se como patrimônio uma realidade plural e diversificada, sendo que a interpretação oferece uma visão contextualizada e integral do território baseada tanto nos vestígios culturais como naturais. Assim, vai-se além da museologia tradicional que prioriza o objeto material, e incorpora-se ao discurso interpretativo outras expressões e manifestações culturais, de raiz mais profunda e com maior sentido cultural que o próprio objeto, o denominado patrimônio intangível. Este último não resulta tão evidente mas se encontra próximo ao cidadão, e permite trabalhar valores espirituais e tradicionais, costumes locais, etc.

Ainda, utilizando-se de diferentes fontes de conhecimento e formas de comunicação o ambiente interpretado convida e facilita ao visitante chegar mais perto, experimentar, interagir, conhecer, aprovar ou criticar a dinâmica cultural naquele contexto. A interpretação preocupa-se com a relação morador/visitante e propõe que todos usufruam de paisagens,

objetos, monumentos e momentos de presença no lugar, ao invés de consumi-lo apressadamente, como algo descartável e de fácil substituição.

1.2.2 Características e princípios

A rapidez do processo de mudança trouxe o sentimento de perda do sentido do passado, do desenraizamento e do esquecimento fácil, originando a necessidade de indivíduos de coletividades retomarem a seu passado, na busca de elementos que permitam uma recomposição de sua identidade. Nesse sentido utilizam-se técnicas de olhar, vivenciar e apreciar, reafirmando não apenas o sítio e os objetos, mas as oportunidades dos visitantes aprenderem novas formas de se relacionar com o lugar.

A interpretação permite a conservação íntegra e a melhora dos elementos patrimoniais naturais e culturais, no marco de uma economia sustentável; supõe a difusão pública e educativa dos valores deste patrimônio mediante sua utilização social e contempla a harmonização dos usos científicos, culturais e econômicos.

O conjunto interpretativo oferece ao visitante a possibilidade de entrar no local, desfrutá-lo, escolhendo os fragmentos do patrimônio que antes existiam mas que agora se encontram organizados e contrastar o que já sabia com o que aprendeu.

Pode-se basear em objetos patrimoniais separados, em conjuntos (mais ou menos homogêneos), em paisagens (urbanos, industriais, rurais ou naturais), ou em personagens, acontecimentos históricos, conceitos e narrações. Reflete-se nos museus interativos, exposições com diversos níveis de leitura, narrações baseadas nas emoções, encenações, audiovisuais multimídia, etc.

Visto que o patrimônio inclui códigos difíceis de interpretar, o que se pretende é a adequação das mensagens para melhorar a qualidade da experiência do usuário, entretendo-o e oferecendo-lhe novas experiências, que lhe permita conhecer, de forma acessível, o sentido das coisas estimulando sensações. (CABADO, MARCO, 2001).

1.3. Interpretação no Turismo Cultural

1.3.1 Considerações Gerais

Nas últimas décadas, o crescente número de visitantes a sítios históricos e naturais tem levado o governo, os empresários e a comunidade local a gerenciar e promover seu patrimônio como recurso educacional e como recurso de desenvolvimento turístico. Uma das estratégias é a interpretação do patrimônio para visitantes, associada à sua revitalização,

concentrando-se em criar atrações históricas e culturais para um mercado ávido por consumi-las. Assim, num contexto de rápido crescimento das várias formas do turismo cultural e de natureza, a interpretação, enquanto veículo de comunicação, tornou-se ainda mais crucial para despertar atitudes preservacionistas entre comunidades receptoras, visitantes e empreendedores turísticos. (MURTA E GOODEY, 1995)

Nesse sentido, concorda-se com Magalhães (1985) de que o turismo cultural se viabiliza, em grande parte, através da interpretação planejada e realizada junto com a comunidade. Esta é “a melhor guardiã de seu patrimônio”, e [...] a melhor “anfitriã de seus visitantes”. Pelo método interpretativo, o lugar, além de se expor naturalmente à apreciação do público, pode “falar” sobre si mesmo explicitando sua identidade.

Murta e Goodey (1995) afirmam que a prática da interpretação das várias paisagens culturais presentes num sítio histórico pode prover a ligação entre os interesses do turismo e da conservação, desde que o objetivo seja o fortalecimento cultural da comunidade e a busca de estratégias econômicas que desenvolvam suas habilidades e seus conhecimentos. Tal como a cidade, os sítios históricos proporcionam uma variedade de atrações turísticas, além de ser um foco para a identidade cultural das comunidades que aí vivem, um recurso para a educação formal e informal e, no caso de centros de grandes cidades, a base para a renovação econômica de uma área (MURTA, 1992). Assim, quando vários propósitos de um sítio histórico são atingidos, a interpretação atende às necessidades dos diferentes usos e usuários, e dentre estes, o turismo e o turista.

Uma boa interpretação leva o turista sentir que uma cidade histórica ou um sítio arqueológico são lugares especiais. O som de um órgão pode criar um clima especial e valorizar a visita a uma igreja barroca. A história de uma cidade através dos séculos pode ser melhor fixada na memória das pessoas através de painéis bem desenhados. Um sítio arqueológico com trilhas interpretativas e serviços de apoio adequados pode levar não apenas à melhor apreciação, mas também a induzir atitudes preservacionistas. (MURTA E ALBANO, 2002, p.10)

O sucesso depende de muitos fatores e certamente envolve a localização e a qualidade do recurso, o mercado, a moda e a visibilidade na mídia. Mas há também uma série de elementos que são fundamentais para o conforto, o entretenimento e a experiência do visitante, tais como a orientação, clareza e riqueza das oportunidades informais de aprendizagem. Toda atração turística deve ser freqüentemente avaliada de forma a manter um padrão de qualidade que possa garantir um fluxo crescente de visitantes, o que somente é possível através do planejamento.

A essência do planejamento turístico local é que a comunidade, em todos os seus segmentos, tenha consciência de seu patrimônio, tanto de patrimônio material quanto do imaterial; que decida sobre aquilo que deseja compartilhar e o que deseja guardar só para si; e que escolha onde e como deseja que esta troca ocorra.

A discussão sobre o planejamento local pressupõe preocupações abrangentes, envolvendo governo, negócios, lazer e outros interesses. Mas serve, sobretudo para revelar as opiniões locais sobre o que é importante, e para explicitar as percepções locais de valor. O processo de interpretação poderá dessa forma levar a comunidade local a se descobrir a si mesma.

1.4 Planejamento Interpretativo

1.4.1 Considerações Gerais

Um plano de interpretação para a valorização de um sítio, vila, cidade ou região tem se revelado de grande importância para o planejamento turístico, pois indica uma estratégia de ação para as autoridades municipais e para os diversos segmentos da comunidade, moradores, empresários, grupos religiosos e associativos. (MURTA E GOODEY, 2002 p.18)

Para Goodey (1992) um plano interpretativo visa estabelecer no espaço uma *rede de descobertas* e de desfrute para residentes, visitantes e turistas, ampliando as possibilidades de desenvolvimento de projetos turísticos e culturais. Deve conter indicações de alternativas para a estrutura de gestão e publicidade das instalações, bem como uma estratégia de monitoramento, avaliação e atualização, de forma a sustentar padrões de qualidade na preservação e promoção de ambientes como atrações auto-sustentáveis. Seja qual for a estratégia de interpretação adotada, o papel de mediador na valorização do patrimônio aos olhos do usuário é sempre exercido pessoalmente por um intérprete ou por diferentes meios de interpretação.

Além disso, o plano deve considerar todo o contexto socioambiental, onde aspectos de atendimento ao cliente, tais como estacionamento, segurança, sinalização, restaurantes e sanitários, não podem ser negligenciados, sob pena de deixar no visitante uma imagem negativa do lugar, mesmo se a interpretação em si for excelente. E também orienta a limpeza e a descoberta de fachadas originais; a harmonia da sinalização e do desenho de placas e

letreiros compatíveis com o “espírito” do lugar e as trilhas pela malha urbana que “decifram” a cidade e as placas informativas que ampliam a percepção ambiental do visitante.²

O próprio patrimônio é o principal apoio de planejamento interpretativo e o ponto de partida da oferta patrimonial são os Centros de Interpretação. Estes são equipamentos que acolhem todo um conjunto de serviços destinados à apresentação, comunicação e exploração do patrimônio e que conjugam vários meios comunicativos: exposição, maquetes, dioramas, audiovisuais, montagens cenográficas, elementos interativos, apresentação na realidade virtual etc.

A interpretação pode se completar com a sinalização, a informação turística, os espaços de síntese monográfica, os circuitos interpretativos, os itinerários temáticos, as visitas guiadas, as atividades didáticas, as encenações ambientais e as experiências de histórias vividas, ou, ainda, a edição de materiais informativos ou científicos.

É importante frisar que as formas de interpretação devem ser renovadas em função de novos temas, novas narrativas, novos guias e, sobretudo, novas gerações de visitantes, que esperam encontrar bons mapas, publicações, percursos limpos, seguros e bem sinalizados. Afinal, orientar o acesso e o fluxo de visitantes é essencial para qualquer comunidade que queira interpretar, preservar e apresentar seu patrimônio para o público.

Um planejamento que envolva a comunidade em todos os seus aspectos contempla o potencial para a interpretação dentro de um processo compartilhado. Somente um planejamento adequado poderá garantir a sintonia do trabalho dos profissionais necessários à montagem de uma atração turística de sucesso, além de estimular a capacitação e, assim, assegurar o envolvimento local nos novos rumos econômicos, promovendo a ação conjunta do poder público e da iniciativa privada. (MURTA E GOODEY, 1995)

A comunidade local tem papel primário no processo de interpretação, pois as suas várias “vozes” (pessoas), ao interpretarem o patrimônio, enriquecem a experiência vivencial do visitante, ao mesmo tempo em que valorizam o local. Nesse sentido, são fundamentais os relatos orais e seu registro por meio de diferentes suportes escritos e audiovisuais. Representam um recurso importante que amplia e aprofunda a participação da comunidade, contribuindo de forma especial para “desenvolver um sentido de lugar, transmitir seus

² Uma maneira popular e barata de revelar as características naturais e culturais de um lugar são as trilhas e roteiros sinalizados tanto para visitantes quanto para moradores, contribuindo para a educação ambiental de ambos. Ao acrescentar informações históricas ou contemporâneas a sítios e monumentos ao longo de uma rota, as trilhas e roteiros podem na verdade despertar a curiosidade popular sobre a evolução histórica e os usos atuais de sítios urbanos e naturais.

valores, sua ecologia e sua história para as novas gerações”. (MURTA E GOODEY, 1995, p. 27)

O desejo pessoal e local de falar de seu lugar, do passado histórico, de acontecimentos recentes, ou mesmo de problemas atuais, bem como a coleta de evidências pessoais da história, são fundamentais no processo de interpretação e valorização. Em qualquer cultura, as lembranças pessoais e as experiências passadas, as fotografias desbotadas e os registros de eventos familiares fornecem marcos de vidas individuais e são de grande valor para o processo de interpretação do patrimônio. Valorizar a intuição, a imaginação e a sensibilidade no produzir conhecimentos fazem parte da ética da interpretação, que requer o diálogo, conduzindo a um entendimento compartilhado no respeito entre seres humanos (MURTA E GOODEY, 1995).

Considerações Finais

A interpretação vem sendo cada vez mais reconhecida como um processo que se baseia na comunidade, pois quem tem o conhecimento mais profundo e mais rico de um lugar são aquelas pessoas que lá vivem, cresceram e se estabeleceram como moradores. Isso faz com que, atualmente, estudiosos, consultores e intérpretes trabalhem junto com as comunidades locais, a fim de ajudá-las a compreender e trabalhar sua própria imagem do lugar, atraindo visitantes com finalidade de compartilhar as experiências locais.

Considera-se, portanto a interpretação como um processo contínuo que envolve a comunidade com o passado, o presente e o futuro de um acervo, de um sítio ou de uma cidade. Seu objetivo é apresentá-los, promovê-los e atualizá-los como marcos importantes e como atrações. E, sob a ótica do turismo sustentável, as comunidades locais devem obter maior controle sobre seus recursos e seu futuro, o que possibilitaria uma considerável redefinição do que constitui de fato os recursos e o futuro das localidades.

Para fazer da viagem uma experiência verdadeiramente cultural é necessário, no entanto, desenvolver a preservação e interpretação dos bens culturais, traduzindo seu sentido para quem os visita. Mais que informar, a interpretação tem como objetivo conscientizar as pessoas do valor de seu patrimônio, encorajando-os a conservá-lo. Esta é a sua essência.

Referências Bibliográficas

- ACERENZA, Miguel Angel. *Administración del turismo: conceptualización y organización*. 4. ed. México: Trilhas, 1991.
- ANGELI, Margarita N. Barreto. *Planejamento e organização em turismo*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1991.
- ANDRADE, Maria Margarida de. *Introdução à metodologia do trabalho científico: Elaboração de trabalhos na graduação*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- ARANTES, Antônio Augusto (org). *Produzindo o passado – estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BARRETTO, Margarita. *Turismo e legado cultural: as possibilidades do Planejamento*. Campinas:Papyrus, 2000.
- BAUDRIHAYE, Jaime-Axel Ruiz. *El Turismo Cultural: Luces y Sombras*. Madrid, Instituto de Turismo de España-Turespaña, Estudios turísticos, 1997.
- BENI, Mário Carlos. *Análise Estrutural do Turismo*. 2 ed. São Paulo: SENAC, 1998.
- CABADO, Joan Serra; MARCO, Lluís Pujol. *Los Espacios Temáticos Patrimoniales: Una Metodología para el diseño de productos turísticos culturales*. Consultores en Turismo y Ocio. 2001.
- CABRAL, Oswaldo. *Cultura e folclore – bases científicas do folclore*. Comissão Catarinense de Folclore: Santa Catarina, 1954.
- CASTROGIOVANI, Antônio Carlos; GASTAL, Susana. Porto Alegre: *Edição dos Autores*, 1999.
- CENTENO, Rogério Rocha. *Metodología de lá investigación aplicada al turism*. México: Trilhas, 1992.
- GASTAL, Susana. Turismo & Cultura: por uma relação sem diletantismo. In: Gastal, Susana (org) *Turismo: 9 propostas por um saber-fazer*. Porto Alegre: Elebra, 1998.
- LEMONS, Carlos A. C. *O que é patrimônio histórico?* São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos).
- LUZ, Maturino. *Ponto & Vírgula*, Jan/1993. n. 11.
- MAGALHÃES, Aloísio. E Triunfo? *A questão dos bens culturais no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.
- MAGALHÃES, Aloísio, apud LUZ, *Ponto & Vírgula*. Jan/ 1993, p.38. n. 11.
- MENEZES, Ulpiano B. Os "usos culturais" da cultura. In: *Turismo, espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina. *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 2002. ISBN: 85-7041-313-0

MURTA, Stela Maris; GOODEY, Brian. *Interpretação do Patrimônio para o Turismo Sustentado - Um Guia*. Belo Horizonte: SEBRAE (MG), 1995.

PIRES, Mário Jorge. *Lazer e Turismo Cultural*. São Paulo; Manole, 2001.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: FAUUSP/ FAPESP, 1994.

REJOWSKI, Mirian. *Turismo e pesquisa científica: pensamento internacional x situação brasileira*. 4. ed. Campinas: Papirus, 2000.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In *Turismo e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Contexto, 2001.

SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. Conhecimento, Conscientização e Preservação de Patrimônio Cultural para prática do Turismo. Governador Valadares – MG: UNIVALI. 2001.

TILDEN, Freeman. *Interpreting our Heritages*. University of North Carolina Press, 1967.

VALVA, Milena D. *Documentos e registros: os inventários urbanos como instrumento de preservação*. 1998. Monografia apresentada ao curso de especialização em Revitalização Urbana e Arquitetônica da UFMG. Belo Horizonte, 1998.

VARINE-BOUH, Hugo de. *A experiência internacional - notas de aulas*. São Paulo: FAUUSP, 1974.

VINUESA, Miguel Angel Troitiño. *Turismo y Desarrollo Sostenible en las ciudades históricas con Patrimônio Arquitectónico-Monumental*. Universidad Complutense de Madrid, 1998.

VIOLET-LE-DUC, Eugéne Emmanuel. *Restauro*. Cadernos Pré-Textos Série B, n. 01, Salvador: UFBA, 1993.